



RECONHECENDO A JUVENTUDE COMO UM SUJEITO SOCIAL NUMA BREVE DISCUSSÃO COM O SEU TERRITÓRIO DE AÇÃO

¹ Tarlyson Guilherme Leite Dias, Autor;

¹ tarlyson.dias@pbh.gov.br;

Resumo

O presente artigo pretende discutir brevemente a realidade da juventude, identificando o seu papel na construção social de si mesma como sujeitos. O cenário escolhido para essa caracterização é o cenário social entendido como propício às transformações, às modificações, também às reflexões acerca desses jovens. Dialogamos com autores selecionados, elencando as suas opiniões e enfoques nessas áreas de estudo. O que nos permitiu uma interessante discussão sobre o posicionamento dos jovens, diante das contestações sociais do território de ação individual, apresentando, assim, uma ponderação do viés essencial acerca dos desafios da contemporaneidade. Caminhamos entre pensadores do passado e conduzimos a argumentação ao momento atual que vem sendo encarado pela juventude, muitas vezes interposta aos valores sociais que somente deterioram a livre ação individual, decorrente da crise de valores da atualidade. Conclui-se que o dinamismo social evoca à juventude uma atuação de destaque, em comparação aos demais grupos sociais. Convictos de sua relevância contextualizada à força do território, uma vez que a ação social dos jovens não deve manifestar-se de modo descontextualizado, poderão os jovens dismantelar a ação alienada que notabiliza os meios de produção, apesar dos valores que são enaltecidos pelo individualismo e pelo consumismo exacerbado da fantasia.

Palavras-chave: juventude; território; sujeito social; meios de produção.

Abstract

This paper aims to briefly discuss the reality of youth by identifying their role in the social construction of themselves as subjects. The scenario chosen for this characterization is the social scenario understood as conducive to transformations and modifications, also reflections on these young people. We dialogued with selected authors, listing their opinions and approaches in these areas of study. It allowed us an interesting discussion about the position of young people in the face of social challenges in the territory of individual action, thus presenting a consideration of the essential bias regarding the challenges of contemporaneity. We walk among thinkers of the past and lead the argument to the current moment that is being faced by youth, often interposed to social values that only deteriorate individual free action, resulting from the crisis of current values. It is concluded that the social dynamism evokes to the youth a prominent performance, in comparison to the other social groups. Convinced of its contextualized relevance to the force of the territory, since the social action of young people must not manifest itself in a decontextualized way, young people can dismantle the alienated action that makes the means of production notable, despite the values that are highlighted by individualism and by the exacerbated consumerism of fantasy.

Keywords: youth; territory; social subject; means of production.

1 Juventude: os seus conceitos e contextos

Conceituar o termo juventude implica, obrigatoriamente, atravessar um caminho permeado por muitas tensões, por conta da extensa multiplicidade de significados atribuídos ao tema. Ser jovem é se encontrar num extenso histórico de representações específicas, o que faz com que não exista somente uma concepção, sendo uma categoria em permanente construção social e histórica, chegando ao termo juventudes. Sendo assim, conhecer a realidade dos indivíduos chamados de jovens não conduz as pesquisas a um distanciamento de seu foco ou tampouco possibilita esvaziar o interesse sobre este tema. Uma das principais dificuldades, ao discutir a juventude buscando algum tipo de resposta para determinada situação, reside justamente no seguinte aspecto: encontrar na própria realidade os conflitos juvenis, resolvendo, dessa maneira, as melhores implicações.

Ainda impera a concepção funcional na qual a juventude consistiria numa condição social, distante de uma conceituação exata influenciada pelas muitas culturas de condição estritamente dinâmica e conseqüentemente mutável no decorrer do tempo. A juventude universal, não somente de interesse imediato, consiste num fenômeno de alcance local e localizado, ausente de participação política e de fundamentações sociais e políticas profundas.

De qualquer forma, questionar esse caráter da juventude seria, principalmente, reconhecer sua historicidade sendo delineada e contornada ao longo do período histórico. Reconhecer o cunho político dentro da historicidade abrange a discussão da concepção da juventude como uma condição transitória fundamental para uma sociedade em constante transformação como a nossa. Ser capaz de abordar a transitoriedade específica da juventude implica retomá-la a partir do contexto da lógica do consumo, o que possibilitaria ser um viés para encontrar sua inserção no processo social e econômico. Promover o reencontro entre a juventude e a sociedade de consumo não deixaria vestígios de alguma interrupção na relação indivíduo X sociedade política. No entanto, a realidade social demonstra que não existe somente um tipo de juventude, mas um conjunto heterogêneo constituído por grupos juvenis, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades.

Essa pluralidade de acepções que encontramos para a temática juventude qualifica, ao mesmo tempo em que dinamiza, as responsabilidades de qualquer pesquisador. Trabalhar esse assunto não permite resoluções instantâneas, mas um arcabouço de possibilidades que não permanecem inalteráveis ao tempo, perfazendo a existência de uma ruptura conceitual da subjetividade e adotando, inclusive, as competências individuais como possibilidades de finalidade integradora.

A juventude é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade determinada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, entre outros fatores, produção na qual se conjugam estereótipos, momentos históricos e diversas

referências, além de distintas e diversificadas situações de classe, gênero, etnia e grupo (ESTEVEZ & ABRAMOVAY, 2007 apud ABRAMOVAY, 2007). Nesse sentido, Dayrell (2003) entende a juventude como uma condição social e, ao mesmo tempo, um tipo de representação. Se existe um caráter universal do indivíduo, dado pelas suas transformações numa determinada faixa etária, nas quais o seu desenvolvimento físico completa-se e ainda sofre mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um determinado tempo histórico, vai lidar com esse momento subjetivo de cada um de nós e, além disso, irá representá-lo. Essa diversidade se cristaliza com base nas condições sociais, culturais e de gênero, mas também das regiões geográficas.

Nesse aspecto, passando a se falar numa ideal juventude contemporânea a ser vista por meio das suas especificidades e necessidades, a dimensão social precisa ser considerada, pois a tentativa de ambicionarmos um projeto de vida contextualizado, transferindo o discurso relativo às expectativas dos jovens para a vida adulta às suas próprias aspirações e representações, compreende entendermos a sociedade brasileira como decorrente do processo de desenvolvimento, tendo como base as transformações do mundo globalizado e as suas conseqüências para os indivíduos. Quapper (2001) apud Mandelli et al. (2011) ressalta a necessidade de apreender as juventudes a partir das diversidades sociais. A relação do jovem com o âmbito social evoca as transformações do ser jovem de acordo com o contexto de desenvolvimento de cada grupo de jovens e o direcionamento da sociedade em relação ao mercado, ao conjunto de normas sociais e ao papel do futuro adulto no tocante às suas próprias expectativas e identidades.

Todavia, deparamos na vida diária com uma série de imagens a respeito da juventude que implicam interferências na maneira de compreender os jovens, tornando necessário colocar à prova essas imagens, pois se corre o risco de analisar a juventude de forma negativa, destacando as características que lhe faltariam para alcançar um adequado modelo do ser jovem. Sendo assim, não conseguimos entender os modos pelos quais os jovens, principalmente os de camadas populares, delineiam as suas experiências pessoais e coletivas.

Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade. Nessa perspectiva, o jovem trata-se de um vir a ser, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, a razão das suas ações no presente. Há uma tendência, dessa maneira, de encarar a juventude na sua negatividade: o que ainda não chegou a ser (SALEM, 1986 apud DAYRELL, 2003), negando o presente vivido. Outra imagem é a visão romântica dos jovens, na qual a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressões de comportamentos exóticos. Alia-se a noção de moratória a essa ideia, um tempo marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções para o comportamento juvenil. Outra imagem presente é a da juventude como um momento de crise, dominado por conflitos com a autoestima e também com a personalidade. Atrelada a essa

ideia, há uma tendência de distanciamento da família, por parte dos jovens, apontando para uma possível crise da instituição socializadora familiar. Alguns autores têm ressaltado que a família, o trabalho e a escola estariam perdendo seu papel de orientação e de valores para as gerações mais novas (DAYRELL, 2003).

Portanto, é na relação de respeito mútuo, no que se refere às diversas nuances do termo juventude, que as interações benéficas ao vínculo social tornam-se possíveis e o compartilhamentos de vivências entre os diferentes universos sociais acabariam resultando em pressupostos potencializadores de novas autonomias duradouras, até então, jamais pensadas e desejadas por esses jovens. Em última instância, pela construção de novos projetos de vida tornam-se possível ações coerentes com demandas sociais e necessidades sensíveis concretas. Numa perspectiva de protagonismo juvenil, trata-se de discutir como as atividades podem propiciar instrumentos de autonomia territorial e de reconstituição de histórias e contextos, como veremos a seguir.

2 Da juventude para uma política nos territórios

A juventude caracteriza um momento singular na vida do indivíduo, não observada somente em seu caráter de desenvolvimento físico/psicológico, a puberdade. O novo envolvimento escolar se fundamenta também em relação ao mercado de trabalho que passa a ser vislumbrado. Ser jovem é encontrar um universo repleto de possibilidades que também tangencia as dificuldades comuns a qualquer novidade ou as atitudes necessárias para ter o seu lugar no mundo. Dessa forma, o contexto de juventude delimita uma construção desses indivíduos que podem entender o mundo em que vivem a partir das suas próprias demandas e agir de acordo com os seus interesses. O ter o seu lugar no mundo permite a essas pessoas construir verdadeiros núcleos políticos com influência comportamental, além de suas vidas reconstruírem porções do planeta. Uma sociedade que entende a juventude entende a si mesma, pois há um ciclo permanente sobre essa juventude em ascensão, fruto da energia da gente nova, verdadeiros atores de sua própria história.

Nesse sentido, o aprofundamento da concepção de território evidencia claramente os conflitos e as contradições existentes no mundo, pois o território é produzido a partir das intencionalidades de quem o produz, substancialmente na dimensão simbólica (SILVA, 2015). Quanto mais vivemos, mais damos valor à condição de subsistir às ferramentas, prerrogativas e meios que são capazes de distinguir, a rigor, as nossas vultosas necessidades de identificação com o mundo à nossa volta.

De acordo com Guy Debord, vivemos hoje numa sociedade onde o consumo alienado e exacerbado dos indivíduos é suplemento à produção alienada, fazendo com que o homem aceite e entre na lógica dos valores preestabelecidos do capitalismo. O que algum dia chegou a ser vivido diretamente se afastou de sua inerente autenticidade que, reinada pelas condições modernas da produção, toda a vida ao redor se solidariza a uma descomunal

acumulação de espetáculos (DEBORD, 1967). Desse modo, o espetáculo é um meio de manipulação em que o indivíduo é obrigado a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhe falta em sua existência, num processo de negação à vida real. Esse consumo traz uma sensação de grandiosidade, ousadia e felicidade. A realidade passa a ser vivida no reino das imagens e não no plano da própria realidade, pois a sociedade prefere a representação ao realismo concreto, a aparência ao ser, a imobilidade ao ato de pensar e reagir dinamicamente.

Gonçalves (2005), ao analisar a sociedade do espetáculo – termo cunhado anteriormente por Debord (1967) – e também a juventude, mostrou que ela é o mais vulnerável seguimento etário aos apelos do individualismo. Uma das marcas dessa sociedade atual seria ter suas subjetividades forjadas pelos modos de pensar, sentir e agir do espetacular. Sendo assim, a ideia de autonomia possui um valor central para uma nova conceituação de desenvolvimento. O poder de uma coletividade de se reger constitui a base do desenvolvimento acerca do sentido e dos fins do viver em sociedade. Nesta sociedade moderna do espetáculo, como poderemos formar sujeitos sociais, seres humanos abertos ao mundo e que o interpretam, dando-lhe sentido real em suas ações/relações cotidianas com os outros seres humanos, eles também sujeitos dotados de sentido (CHARLOT, 2000 apud DAYRELL, 2003) para que, enfim, não abdicuem da dura realidade dos fatos da vida e que não se movam apenas pelas aparências do consumo de fatos, produtos e mercadorias?

As ideias de desenvolvimento e território têm estado, em relação de proximidade e mesmo até de simbiose, dentro da matriz comum de valores conservadores, não importando o fato de que grupos diferentes de especialistas se ocupam preferencialmente com um e com outro conceito. Quanto ao território, este se define usualmente a partir do espaço e do poder. Em qualquer uma das circunstâncias, o território encerra a materialidade que constitui o fundamento mais imediato de sustento econômico e de identificação cultural de um grupo, sendo ele jovem ou não. A questão do desenvolvimento, mesmo quando balizada pela plena autonomia política como horizonte essencial, apresenta-se sob a forma de diferentes desafios quotidianamente e nas mais diferentes escalas. Ana Fani Alessandri Carlos, em seu estudo *Ensaio de geografia contemporânea*, salienta que numa filosofia do espaço do homem, referindo-se à obra do geógrafo Milton Santos, o espaço da atividade do capital se amplia mediante um processo de integração em que a incompreensão prevalece ainda sobre a compreensão (CARLOS, 1996).

Diante do impasse, decorrente da crise de valores que presenciamos em nossa contemporaneidade, como bem observam Aranha (1996) e Aranha & Martins (2003), esse imbróglio não seria resolvido por meio apenas de tentativas de educação moral: “é obrigatória a vontade política de alterar estas condições de colapso moral”. Um projeto moral deve estar ligado a um projeto político altruísta, pois, diferentemente disso, o fracasso é o único destino certo. Não basta reformar o indivíduo para reformar a sociedade, reiteram. Formar o ser

humano com sua moral plena apenas é possível na sociedade que se esforça para ser igualitariamente justa.

O conceito de ética divergiu ao longo do desenvolvimento do pensamento, estando associado a uma essência interior do indivíduo sobre o qual despertam ações autônomas e, posteriormente, a um sentido modulador dessas ações, acoplando-se definitivamente à dimensão moral. Sendo assim, os objetivos de inculcar no formando a moral, na forma de regras e convenções, algumas vezes, naufragam diante de discursos imbuídos de individualismo e competitividade ante a realidade sociocapitalista.

Mesmo que sejam consideradas as mudanças e os cataclismos como causadores diretos da extinção dos valores, as sociedades humanas têm papel fundamental, desde os primórdios da humanidade, mantendo uma relação de dominação conforme as suas necessidades imediatas. Esse processo de objetivação do ambiente social, fundamentado no modelo cartesiano e mecanicista presente, permite à juventude estar separada e principalmente distante de um sujeito que a domina, isto é, predomina uma visão errônea dessa fase da vida. Além disso, esse sujeito, como dissemos, seria quase sempre colocado como um produtor e usuário de tecnologias que tem o direito de disponibilizar todo e qualquer recurso em suas atividades.

O ser constitui-se como sujeito à medida que se constitui como humano. A noção de sujeito relaciona-se com a própria condição que constitui o ser humano, ou seja, um ser que é igual a todos os demais como espécie, igual a outros por pertencimento ao mesmo grupo social e diferente de todos como um indivíduo singular. Nesse aspecto, o ser humano é uma construção e não um dado. Dessa construção, o sujeito se forma ativo, agindo no e sobre o mundo e nessa ação se produz ao mesmo tempo em que é produzido no seio das relações sociais nas quais se insere. A originária essência do ser humano não está dentro de si, mas sim fora, na posição excêntrica do mundo das relações sociais (CHARLOT apud DAYRELL, 2003).

Como analisa Dayrell (2003), o pleno desenvolvimento ou não das potencialidades do ser humano vai depender da qualidade das relações do meio social onde ele está inserido. Quando cada jovem nasce, a sociedade já tem uma existência prévia, histórica, cuja estrutura não dependeu desse sujeito, ou seja, não foi produzida por ele. Portanto, diversos aspectos socioeconômicos são dimensões que vão interferir na produção de cada jovem como sujeito social, independentemente da ação de cada um. No mesmo instante, na vida cotidiana, esse jovem entra em um conjunto de relações e processos que formam um sistema de sentidos, que dizem quem ele é, quem é o mundo e quem são os outros. As diversidades de conceitos requereram compreensões e significações de acordo com as intencionalidades daqueles envolvidos levados à utilizações da juventude como conceito central na implantação de políticas públicas e privadas. O território compreendido e diferenciado pode ser utilizado para a compreensão das diversidades e das conflitualidades nessas disputas territoriais.

Ser jovem potencializa as intenções subjetivas de questionar “o que existe” e “o que ainda não existe em nosso meio”, compreendendo os projetos político-culturais que sufocam as transformações (CASTRO & ABRAMOVAY, 2015). O jovem dissociado do simplório termo de sonhador banal, que o mistifica como um mero sujeito de potencial para a sua inventada vida adulta, exerce uma gama de significados próprios e ações reais que valorizam ainda mais as diferenças entre ele e os adultos. Portanto, uma das razões que empreende uma ação criadora e duradoura, sob uma perspectiva histórico-territorial na juventude, é que o processo identitário resultaria de uma construção social, em busca de traços simbólicos e verdadeiramente identitários, que são potencializados por meio de estratégias de desenvolvimento territorial. Uma concepção da obra de Saquet & Briskievicz (2009), que parafraseia Haesbaert (1997) no viés do território, discorre sobre ser preciso assimilar essa perspectiva integradora como um domínio politicamente estruturado e também como apropriação simbólica.

4 Considerações finais

A sociedade humana está em presente movimento e a juventude nunca poderia se distanciar ou sofrer menos as influências do que ocorre constantemente. A ação social é uma atividade conjunta entre os entes envolvidos, sejam eles crianças, jovens ou adultos, mulheres ou homens, negros ou brancos. Enfim, somos igualmente atores de nossas vidas e o mundo que nos cerca sempre será reciprocamente parte das mais variadas situações. Qualquer declínio degenerativo influenciado pela condição dinâmica e mutável das transformações sociais ao longo do tempo ou causado pela neutralização das condições atuais, promovida pela conjuntura da produção e do consumo de massa, em detrimento às particularidades que agregam aos jovens o seu genuíno mérito ao curso da vida social, não distribui territórios igualmente justos e distintos entre si. Desempenhar na comunidade circundante as potenciais circunstâncias verossímeis da vivacidade política ético-cidadã demonstra aos entes de determinado grupo social a sua condição de paridade e pluralidade com as juventudes.

A fantasia vista como o cerne do meio de produção denota um considerável instrumento de dominação, o que requer muito mais do que somente decisões estritas ou tímidas, mas direcionamentos capazes de conviver e somar personalidade à sociedade partindo de onde estiverem. A política nos territórios depende da vontade definitivamente na dimensão moral dos indivíduos e os jovens não devem se colocar numa posição amadora.

Jamais despontará, por conseguinte aos anseios do espetáculo, uma sociedade capaz de sobremaneira ensejar uma diretriz mais expressiva de cunho territorial para a nossa mocidade. Aos demais entes sociais, diante dessa diversidade de abordagens, cabe pôr em prática o resgate das suas habilidades fundamentais ao domínio territorial dedicado à ética que, conforme vimos no território, é um verdadeiro destrave ao pleno empoderamento de uma sociedade consciente de si própria.

Referências Biográficas

ABRAMOVAY (org.) **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: UNESCO, 2007.

ARANHA. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

ARANHA & MARTINS. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2003.

BELLUZZO & VICTORINO. **A juventude nos caminhos da ação pública**. São Paulo em Perspectiva, nº 18, 2004.

CARLOS (org.) **Ensaio de geografia contemporânea**. São Paulo: Hucitec São Paulo, 1996.

CASTRO. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia e Política**, vol. 16, nº 30, 2008.

CASTRO & ABRAMOVAY. **Ser jovem hoje, no Brasil: desafios e possibilidades**. Programa de Prevenção à Violência nas Escolas, 2015.

CASTRO & GOMES & CÔRREA (org.) **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

DAYRELL. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, nº 24, 2003.

DAYRELL & GOMES. **A juventude no Brasil**. (sem outros dados na publicação).

DEBORD. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GONÇALVES. **Juventude brasileira**: entre a tradição e a modernidade. Revista de Sociologia da USP, nº 02, 2005.

LOPES et al. Juventude pobre, violência e cidadania. **Saúde e Sociedade**, vol. 17, nº 03, 2008.

MANDELLI et al. **Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, vol. 63, 2011.

SANTOS. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

SAQUET & BRISKIEVICZ. **Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial**. Caderno Prudentino de Geografia, vol. 01, nº 31, 2009.

SILVA. **Território**: abordagens e concepções. Boletim DATALUTA, dezembro de 2015.

SOUZA & PAIVA. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia**, 2012.

Educte, Brasil, Maceió, ISSN 2238-9849, v. 8, n. 1, p. 914-922.

SPOSITO. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação.

Revista Brasileira de Educação, nº 13, 2000.

TRANCOSO & OLIVEIRA. **Juventudes: desafios contemporâneos conceituais**. ECOS | Estudos Contemporâneos da Subjetividade, vol. 04, nº 02, 2014.